

"É a jornada que nos ilumina não, o seu destino"

Julgamos haver muito poucas possibilidades de realizar um trabalho de doutoramento sem prestar atenção e valorizar os afectos, as emoções, experienciados ao longo deste longo processo. Esses afectos são inerentes ou, então, um produto da combustão da luta e da longa corrida que se tem de fazer, para apresentar um trabalho que, aos nossos olhos, não nos envergonhe e tenha, igualmente, a aprovação dos olhos dos outros. Estes afectos constituem-se, com alguma frequência, como crises pessoais, nas quais se experimenta a dificuldade de sair dos encalhes onde nos leva o próprio trabalho. Raramente não aconteceu que os muitos encalhamentos que pessoalmente experimentámos na realização deste trabalho não fossem atribuídos a nós próprios. Felizmente, para nós, após longo tempo de maturação, demos conta de que esses encalhamentos fazem parte da natureza do próprio processo de construção de conhecimento e assumem, muitas vezes, uma centralidade importante nos avanços pessoais e do próprio conhecimento. De igual modo, tivemos momentos em que o prazer experimentado era tão intenso que nos fazia acreditar que não haveria mais qualquer obstáculo que se interpusesse, frente a nós, na realização do objectivo de compor um texto com unidade e coerência. Feliz, mas pura ilusão. Quando menos contávamos, lá estava outro obstáculo, outra paralisação. E mais uma vez estávamos em causa. A possibilidade de ser "cientista" ou "académico" parecia não estar dentro das nossas possibilidades. Até à próxima ilusão!

É claro que até aqui falamos como se, durante este processo, só tivessem existido o trabalho e a nossa pessoa individual, o que não é o caso. Os outros talvez raramente tenham assumido tamanha importância para nós como nos diferentes e longos momentos de realização desta tese. Isto talvez seja assim devido ao grande desafio pessoal que é a realização de uma tese, mas, também, devido à longa tradição de um olhar superior e respeitador que a nossa cultura reforça quando se olha ao conhecimento científico e à vida de um professor universitário. E é imbuídos destas expectativas e da pressão real ou imaginária que elas realizam sobre nós, que devemos cumprir o papel de investigador e de professor. Pode parecer fácil, mas não é.

Sabemos que não é habitual tecer muitas considerações sobre agradecimentos em trabalhos desta natureza. Já assistimos ao sentimento de pudor que alguns colegas nossos têm em fazer agradecimentos. Contudo, julgamos importante frisá-lo e bem, por acreditarmos e sabermos por experiência própria que ninguém cresce sozinho. Os outros lá estarão sempre e, sobretudo, os mestres, os orientadores, os supervisores. É curioso que vária investigação no domínio do desenvolvimento do adulto desde há várias décadas constata a importância que tem a existência de figuras de supervisão ou de orientação para o almejar de níveis superiores de aprendizagem e de realização. De alguma maneira, entre nós, parece existir o sentimento de que, quando se tem um supervisor, isso será sinal de pouca autonomia, de pouca aprendizagem feita e, às vezes, até de agonia. Julgamos, ao

contrário, que se deveria profissionalizar a figura dos supervisores ou tutores, especialmente quando os indivíduos são jovens adultos e estão a entrar no mundo do trabalho, exactamente para cimentar a idéia de que a experiência de aprendizagem não acaba nunca.

Mas voltemos aos afectos. Os afectos sintetizam bem o significado que este trabalho pretende representar pessoalmente e culturalmente. Especialmente, talvez, o sentimento de dívida e simultaneamente de *gratidão incomensurável* com que se fica face às pessoas que, diariamente, ou nos momentos chave, nos ensinaram, nos apoiaram, nos recomendaram, nos incentivaram, nos elogiaram. Assim gostaríamos de destacar, de entre as inúmeras pessoas significativas, os seguintes amigos e colegas:

Ao Prof. Doutor Óscar Gonçalves, o *mestre maior* de todos os que até hoje tivemos, o homem que reputamos de o *maior aprendiz* e o amigo *mais solidário* que conhecemos na vida, o *maior poeta prático*, pelos projectos que já empreendeu e empreende, pela forma como os persegue, pela força, pela atenção e sensibilidade à sensibilidade dos outros. Foi ele que nos ensinou e nos fez acreditar que as verdadeiras lágrimas são aquelas que não vertem e que podem bem ser o suor das lutas e das corridas. Foi ele, mais do que ninguém, que, numa atitude clínica, bem ao seu estilo, mostrou ter compreendido a nossa lentidão na produção deste trabalho, como uma protecção contra o “lixo fenomenológico”.

As suas atitudes, permanentemente narrativas, fizeram-nos acreditar que a nossa relação seria como a escrita de um livro, com capítulos que deveríamos nós mesmos criar. Julgamos que ele foi o maior e o melhor co-construtor dos capítulos do nosso próprio desenvolvimento em adulto e, em especial, o responsável por um insistente foco na “moral” do conhecimento e não tanto no conhecimento. Isto, dito por outras palavras, significa que ele sempre nos parecia que estava a distinguir conhecimento de sabedoria. Por isso, talvez o que ele nos tenha ensinado de mais profundo foi essa importante diferenciação entre conhecimento e sabedoria. Esta sua atitude, enquanto nos seduzia, ao mesmo tempo, nos perplexificava. Especialmente porque nos dávamos conta de que a sabedoria não está em nenhuma ciência e para ela, nem sempre, será necessário qualquer tipo de conhecimento. Isto, naturalmente, tem uma boa dose de desafio para quem está a fazer um doutoramento onde supostamente tem de mostrar conhecimento. Contudo, a moral desse desafio foi para nós relativamente rápido de compreender. O que o Professor Óscar Gonçalves sempre buscava era o sentido, o significado que via no conhecimento, o que sempre fez com que todos lhe reconhecessem o profundo compromisso pessoal que assume com o que diz e com o que defende em termos teórico-científicos.

Esta orientação centrada no homem que conhece e não no conhecimento foi, afinal, a centração na jornada, a jornada do nosso desenvolvimento. A sua pouca preocupação com o conhecimento que produzíssemos contrastava com a qualidade

com que ele encorajava a que conhecêssemos as coisas e os fenómenos.

Nunca ele nos deixou descansar sobre uma qualquer concepção do que deverá ser um supervisor. Quando apostávamos que um supervisor era sobretudo nutritivo, ele surpreendia-nos e mostrava-nos que servia sobretudo para nos criar problemas. Quando começávamos a acreditar que era esta a concepção ideal de um supervisor, ele surpreendia-nos com quantidades surpreendentes de feedback nutritivo. Quando achávamos que um supervisor deveria ser sempre compreensivo, ele surpreendia-nos em não nos compreender. Quando começávamos a não ter alguma concepção sobre o que deveria ser um supervisor, surge-nos o óbvio insight que um supervisor é sobretudo alguém a quem devemos conhecer para conhecermos mais e nos conhecermos mais. Supervisão é um termo que julgamos ser o termo ideal para o compreender, pois ele sempre nos desafiou e nos forneceu SUPERVISÕES, isto é, grandes visões sobre o conhecimento, sobre a vida, sobre as relações humanas, sobre moralidade e sobre sobrevivência.

De muitas formas, o que acabamos de dizer reflectirá, para além de um grande afecto, alguma insegurança sobre o sítio de onde temos visto o mundo. Neste momento, já não temos a necessidade de desejar estar em outro lugar e começamos mesmo a gostar do nosso lugar, do "sítio" de onde vemos o mundo. E é a aceitação e o respeito pela visão que o nosso sítio nos proporciona que o Professor Óscar Gonçalves sempre procurou em nós promover.

A tudo o que acabamos de dizer e a muito mais que não expressamos gostaríamos de, publicamente, dizer um grande Obrigado ao Professor Óscar Gonçalves e manifestar-lhe a nossa solidariedade e comunhão existencial. Esperamos que, neste e em outros trabalhos futuros, ele possa reconhecer a influência da sua distinta marca, a sua real imortalidade.

Aos nossos ex-alunos Dra. Célia Oliveira, Dra. Sara de Barros Araújo e Dra. Anabela Marques Pereira, pela enorme competência, dedicação e afecto com que trabalharam na parte empírica deste trabalho. Elas tornaram-se referências nacionais no domínio da avaliação dos processos e estrutura narrativa de histórias. Podemos afirmar, com orgulho, que foram alunos não só de título, mas verdadeiros alunos, nos quais sempre pudemos ver, com clareza, uma ou outra marca da nossa influência.

À Dra. Ana Paula, ao Dr. Manuel Pereira, Dra. Cristina, Dra. Sónia Micaela (tragicamente falecida), Dra. Isabel Rodrigues e Dr. Carlos, todos eles meus ex-alunos, agradeço igualmente a prontidão e a competência com que ajudaram à transcrição de entrevistas.

Ao Professor Doutor Pedro Albuquerque, nosso amigo, em quem vemos um realizador de sonhos, pela sua reconhecida competência na investigação científica em tornar válidas e operacionais algumas ideias que, sem ajuda, nunca germinariam. Ele deu-nos importantes contributos na análise estatística dos nossos dados.

De igual modo, ao Professor Doutor Miguel Gonçalves e ao Professor Doutor Paulo Machado, nossos amigos, pela

enorme ajuda que deram, respectivamente, na clarificação conceptual e medida do construto "auto-complexidade" e na clarificação de procedimentos estatísticos.

À Dra. Ana Cristina Gonçalves, Professora Doutora Eugénia Fernandes, à Professora Doutora Teresa Freire, Professor Doutor Pedro Lopes dos Santos, Dra. Manuela Ferreira, ao Professor Doutor Leandro Almeida, Dr. Fernando Pocinho, Dra. Carla Machado, Dra Carla Martins, Professor Doutor José Cruz, Dr. Rui Gomes, Dra Ana Peres, Dr. Nuno Santos, Professor Doutor Jorge Santos, Professor Doutor José Azevedo, Professor Doutor Carlos Fernandes, Professor Doutor Rui Abrunhosa, Professora Doutora Ângela Maia, a nossa *incomensurável gratidão* pelas manifestações de solidariedade e de amizade em todos os momentos. Uma nota suplementar ao Professor Pedro Lopes dos Santos que, mesmo sem o saber, nos tem ensinado que é possível a lucidez no meio da maior adversidade.

Ao Dr. Ademar Ferreira dos Santos, Director do Centro de Formação Camilo Castelo Branco, nosso amigo, agradecemos todas as oportunidades e encorajamento que nos deu para influenciar e aprender sobre práticas de educação de professores. Reconhecemos e admiramos a sensibilidade e a energia que coloca no seu trabalho, que faz do centro que dirige um dos mais prestigiados a nível nacional. Agradecemos, igualmente, o cuidado que colocou na revisão que fez de uma parte significativa das primeiras provas impressas deste trabalho.

Ao Professor Doutor Rodrigo Saraiva que, infelizmente, foi para outra Universidade, agradecemos, simplesmente, a sua existência e as oportunidades com que permitiu que observássemos e aprendêssemos com a sua ousadia intelectual, a sua autenticidade e o seu romantismo. Ele representa para nós um interlocutor incomparável pela qualidade das conversas e dos feedback com que, de forma quase épica, nos presenteou.

Ao Professor Doutor Artur Mesquita e à Professora Doutora Isabel Soares, respectivamente, director do nosso departamento e directora do curso de psicologia, pela inesgotável energia e criatividade na construção de uma atmosfera relacional de elevado nível de comprometimento e de ajuda mútua. Agradecemos-lhes igualmente todo o interesse e suporte que sempre nos deram.

Ao Professor Michael Connelly, do Ontario Institute for Studies in Education, e à Professora Jean Clandinin, Da Universidade de Alberta, no Canadá, o nosso reconhecimento pelo entusiasmo com que reagiram ao tomarem conhecimento deste projecto.

À Dra. Dulce Fernandes, pelas agradáveis visitas de fim de dia a nossa casa e pelo afecto e amizade com que, de forma quase envergonhada, se tem interessado e valorizado o nosso trabalho.

Ao Quintino, à Maria Rosa e ao Germano, nossos irmãos, pela prática da fraternidade, pelo orgulho que sempre nos permitiram sentir por lhes pertencer, prazer que sentimos em os ter como irmãos, como modelos de força, fragilidade e



solidariedade. Igualmente à Augusta, ao António Godinho, ao “Zé Manel”, à Paula, à Jacinta e ao Manuel Ferreira um obrigado sentido, pelo respeito com que sempre encararam o nosso trabalho e a nossa indisponibilidade.

Ao meu pai, simplesmente, por existir...!

Às ricas e nobres memórias de minha mãe...!

Aos professores, especialmente àqueles que foram participantes do programa que denominamos “psicologia do desenvolvimento pessoal” – que constitui o eixo central deste trabalho - um obrigado infindável por se expressarem, por se partilharem e por terem construído connosco memórias inesquecíveis. Eles foram e são, seguramente, o principal motivo e razão ontológica mais profunda deste trabalho. Uma nota especial para a Dra. Eugénia Gonçalves, que, para além de participante do programa, muito nos ajudou, com o seu entusiasmo, na organização logística do programa em Vila do Conde.

Aos restantes colegas do departamento de Psicologia e do Instituto de Educação e Psicologia, não mencionados especificamente, reconhecemos as suas extraordinárias atitudes de interesse e curiosidade pela evolução deste trabalho.

Aos funcionários do Instituto de Educação e Psicologia agradecemos a sua grande contribuição na criação de uma boa atmosfera de trabalho.

Aos nossos alunos, actuais e passados, por terem sido, a maior parte do tempo, uma importantíssima e indispensável fonte de gratificação e de aprendizagem.

Nota Prévia

À Cidália, nossa permanente companheira, o eterno reconhecimento pelo brilhantismo que o seu olhar sempre deixou escapar para este trabalho, fazendo-nos acreditar realmente no seu valor.

Por fim, mas não em último lugar, ao Eduardo, nosso filho, a quem muito gostávamos de ver professor!